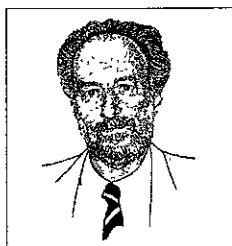


WASHINGTON NOVAES  
**Amazônidas**

**E**m recente discussão sobre a Agenda 21 Brasileira em Porto Velho, Rondônia, o autor destas linhas pôde testemunhar, mais uma vez, o quanto os habitantes da Amazônia se ressentem das visões que, de fora da área, no País ou em outras partes do mundo, tentam definir rumos para essa



**É fundamental discutir, sentar à mesa os atores amazônicos, pactuar decisões**

porção maior e invejável do território brasileiro. Um dos participantes da discussão, o professor Armando Dias Mendes, com a experiência de muitas décadas de estudo e de atuação na área, sintetiza essas visões externas à Amazônia em seu mais recente livro, *Amazônia – modos de (o)usar* (Editora Valer).

De um lado, aponta os que, fora do País, se preocupam com sua sorte, o desmatamento, as queimadas. E imaginam um futuro em que a floresta tropical intocada ajude a resolver as mais complexas equações – a das mudanças climáticas, a dos “excedentes” populacionais em outras áreas do mundo, a da escassez de recursos hídricos em outras, a da perda da biodiversidade, etc. As variáveis são muitas. Esquecidos, entretanto, de que as graves ameaças de mudanças climáticas decorrem essencialmente do que acontece nos países que se preocupam com a Amazônia – os industrializados – e bem menos do que sucede aqui (embora não seja desprezível). De que não faz sentido exportar problemas populacionais, supostos ou verdadeiros. Muito menos corrigir distorções no uso da

água em muitas partes buscando recursos em outras partes do mundo. Ou esquecidos de que a suposta preocupação com a biodiversidade com frequência oculta altos interesses comerciais e financeiros disfarçados.

Não pretende o autor dizer que não haja pessoas sinceramente preocupadas com qualquer

dos dramas enumerados. Há. Muitas. Nem que não se deva perder tempo com esses problemas. Deve-se. Mas os caminhos seriam outros.

Internamente, as propostas de fora da Amazônia quase invariavelmente se atrelam a projetos de “levar o desenvolvimento econômico” à região, a partir de enclaves – podem ser na mineração, na indústria, na geração de energia, no agribusiness – que, além de não criarem cadeias integradas, reprodutivas, quase só beneficiam minorias econômicas e parcelas ínfimas da população (já são mais de 20 milhões os habitantes da Amazônia), e ainda atendem fundamentalmente a interesses externos à região: produção de eletrointensivos exportáveis, corredores de exportação de grãos ou minérios, etc. Para completar, fecham-se os olhos à migração descontrolada, que supre a ausência de políticas de emprego e de correção de desigualdades regionais.

Seria, então, fundamental criar uma “utopia” realizável, fundada no que ele chama de “amazonidades”, os “perfis amazônicos de solo, subsolo, fauna, flora e fluidos (ar, água). E climas. E os gostos. Os gestos, os gas-

tos – os usos e costumes. E o imaginário que a região suscita desde sempre”.

A partir daí, criar atividades multiplicadoras que se baseiem nas vocações específicas da região – na fruticultura tropical, na pesca, nas especialidades regionais (palmito, castanha, guaraná, etc.), na criação de bubalinos, na geração de biomassa energética, na exploração sustentável e certificada de madeiras, nos usos adequados da biodiversidade, na transformação industrial de fibras (como a indústria automobilística alemã já está fazendo no Pará). Mas longe das ilusões de que apenas o extrativismo tradicional e confinado – e só ele – poderia assegurar a intocabilidade da floresta e a sobrevivência das populações.

Mas como chegar às visões e propostas adequadas? Muitas tentativas já fo-

ram feitas. Pode-se lembrar a Agenda 21 Amazônica, de 1997, que reuniu muitos especialistas, entre eles o próprio professor Armando Mendes e o professor Ignacy Sachs, e fez muitas das perguntas fundamentais, apontou alicerces indispensáveis, lembrou que é preciso pensar numa agenda para toda a Amazônia – e não apenas a brasileira –, indispensável buscar o diálogo com a miríade de atores que interferem no processo. É preciso não desperdiçar os esforços da Agenda Positiva da Amazônia (1999). Resguardar as conquistas da Agenda 21 Brasileira – Bases para Discussão, que sugere muitos caminhos.

É fundamental, então, discutir. Principalmente explicitar conflitos, fugir à tentação usual de elidi-los. Sentar à mesa os atores amazônicos. Pactuar decisões.

Se não for assim, continuaremos em meio às visões inadequadas. Assistindo, impotentes, ao indesejável. Assustados com o que pode acontecer. Temendo que nos imponham rumos.

Continuaremos a testemunhar a perda de porções consideráveis do bioma antes mesmo de conhecido. Correndo sem fôlego atrás dos predadores da madeira e tentando conter incêndios. Impotentes diante de macroprojetos inadequados. Indignados com a transferência de custos ambientais.

Não é preciso ser assim. Nem assistir, melancólicos, da janela de um hotel ou de um avião, ao avanço desordenado de um tipo de ocupação – urbana e rural – que nada tem que ver com o que poderia ser uma civilização amazônica.

A Amazônia pode muito mais, merece muito mais.

